rbpae

DOI 10.21573/vol41n12025.144161

CC BY NC SA

Políticas públicas culturais e a produção de narrativas audiovisuais: vivências etnográficas colaborativas no arquipélago do Marajó

Cultural public policies and the production of audiovisual narratives: collaborative ethnographic experiences in the Marajó archipelago

Políticas públicas culturales y producción de narrativas audiovisuales: experiencias etnográficas colaborativas en el archipiélago de Marajó

DENISE MACHADO CARDOSO[1]

FELIPE BANDEIRA NETTO[2]

ALESSANDRO RICARDO CAMPOS[3]

Resumo: Os projetos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa em Antropologia Visual e da Imagem (Visagem) no arquipélago do Marajó têm em comum os usos de práticas etnográficas colaborativas inspirados na Antropologia Compartilhada de Jean Rouch. A produção fotográfica e fílmica ocorre desde 2018 em Melgaço e, posteriormente, nos municípios de Breves, Soure e Salvaterra. Os aspectos educacionais foram fundamentados no método desenvolvido por Paulo Freire. O aporte financeiro contou com subsídios advindos com a Lei Aldir Blanc (2020) e outros aportes institucionais de universidades e dos governos locais. Evidenciou-se a importância de políticas públicas direcionadas à produção audiovisual. Atualmente, com a criação do marco regulatório do Sistema Nacional de Cultura, haverá recursos orçamentários destinados às políticas públicas de cultura, garantindo o fomento às artes.

Palavras-chave: Marajó, antropologia, política cultural.

1 ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4992-8286 . Universidade Federal do Pará (UFPA), Faculdade de Ciências Sociais, Belém, PA, Brasil.

2 ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8894-4599. Universidade Federal do Pará (UFPA), Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Belém, PA, Brasil.

3 ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4211-8272. Secretaria Estadual de Educação do Pará (SEDUC-PA), Ananindeua, PA, Brasil.

Abstract: *The projects developed by the Visual and Image Anthropology Research Group (Visagem) in the Marajó archipelago have in common the use of collaborative ethnographic practices inspired by Jean Rouch's Shared Anthropology. Photographic and film production have been taking place since 2018 in Melgaço and, subsequently, in the municipalities of Breves, Soure and Salvaterra. The educational aspects were based on the method developed by Paulo Freire. The financial support included subsidies provided by the Aldir Blanc Law (2020), and other institutional contributions from universities and local governments. The importance of public policies aimed at audiovisual production were highlighted. Currently, with the creation of the regulatory framework for the National Culture System, there will be budgetary resources allocated to public cultural policies that may guarantee the promotion of the arts.*

Keywords: *Marajó, anthropology, cultural policy.*

Resumen: *Los proyectos desarrollados por el Grupo de Investigación en Antropología Visual y de la Imagen (Visagem) en el archipiélago de Marajó tienen en común el uso de prácticas etnográficas colaborativas inspiradas en la Antropología Compartida de Jean Rouch. La producción fotográfica y cinematográfica se realiza desde 2018 en Melgaço y, posteriormente, en los municipios de Breves, Soure y Salvaterra. Los aspectos educativos se basaron en el método desarrollado por Paulo Freire. El apoyo financiero incluyó subsidios previstos por la Ley Aldir Blanc (2020) y otros aportes institucionales de universidades y gobiernos locales. Se destacó la importancia de las políticas públicas dirigidas a la producción audiovisual. Actualmente, con la creación del marco regulador del Sistema Nacional de Cultura, se asignarán recursos presupuestarios a las políticas públicas culturales, garantizando la promoción de las artes.*

Palabras clave: *Marajó, antropología, política cultural.*

INTRODUÇÃO

O arquipélago do Marajó está localizado no estado do Pará, região da Amazônia brasileira, e apresenta-se com uma marcante diversidade socioambiental. A partir de várias iniciativas, o Grupo de Pesquisa em Antropologia Visual e da Imagem (Visagem) tem buscado contribuir na implementação de projetos que proporcionem maior participação das populações na produção artística audiovisual a partir de elementos que remetam à cultura local. Neste artigo, propomos analisar as ações subsidiadas por políticas públicas e outros aportes institucionais acionados pelo Grupo Visagem, precisamente aquelas realizadas no arquipélago do Marajó. Desse modo, motivou-nos compreender de que maneira se viabilizam ações extensionistas a partir do apoio institucional de diferentes matizes, com a finalidade de promoção da divulgação de produção científica? Ao mesmo tempo interessou-nos como se expressa o incentivo à produção cultural de quem vive no Marajó a partir destes projetos do Visagem? Quais os pressupostos que melhor se adequam às atividades de ensino que contribuem na efetiva autonomia das pessoas envolvidas nos projetos deste grupo? A partir destas questões, procuramos apresentar os projetos realizados pelo Visagem em municípios marajoaras.

A pesquisa qualitativa sustentou-se nas análises dos relatórios dos projetos, nas informações divulgadas em perfis de redes sociais das pessoas envolvidas nas atividades, além de pesquisa bibliográfica sobre o tema deste estudo. Verificamos que a prática recorrente do Visagem se sustenta na tentativa de compreensão dos aspectos da identidade local, a partir da inserção em campo, utilizando-se de técnicas de fotografia e outras expressões de artes visuais. Neste sentido, o grupo propõe ações (principalmente oficinas) voltadas para os usos de aparatos tecnológicos para a produção audiovisual no Marajó e por pessoas marajoaras.

Nos diversos projetos realizados neste arquipélago, ocorreu o desenvolvimento de uma Antropologia Pública, tendo em vista que o conhecimento produzido academicamente esteve em diálogo com os conhecimentos vivenciados por todas as pessoas, independentemente de sua escolaridade, gênero, geração ou pertencimento étnico-racial. A maior inserção da equipe do projeto em atividades com moradores e moradoras desta região foi baseada em diálogo inspirado nas ideias de Paulo Freire (1983; 1998). Assim, para além do restrito universo que é a universidade, observou-se ser relevante incluir as realidades de quem vive nos municípios de Melgaço, Soure, Salvaterra e Breves, como importante elemento nas produções fílmicas e fotográficas.

O artigo está dividido, além desta introdução e da conclusão, em duas partes. A primeira visa à apresentação da origem das ações do Grupo Visagem no arquipélago do Marajó e como seus projetos estão entrelaçados com políticas culturais ou com ações governamentais que contribuam com as produções artísticas e culturais, narrativas locais, reforçando o protagonismo de grupos e pessoas que detêm conhecimentos ancestrais. Com uma breve apresentação da perspectiva freireana de educação, revela-se a opção pelo viés que incentiva a autonomia das pessoas que participam destes projetos. A segunda parte do artigo é iniciada com a caracterização do Marajó e o detalhamento dos projetos realizados pelo Visagem nos municípios marajoaras.

VISAGEM NA "ILHA": A HISTÓRIA DE UM ENCANTAMENTO

O Grupo Visagem vem atuando no arquipélago do Marajó desde 2017 a partir das atividades propostas no projeto de extensão "Incursões Etnográficas em Melgaço do Marajó-Amazônia Brasileira". Desde então, os projetos têm sido realizados incessantemente, inclusive durante o período da pandemia, quando se utilizou o ciberespaço e as práticas colaborativas virtuais.

Criado em 2013, o Visagem é um grupo de pesquisa que se propõe a realizar atividades de ensino, pesquisa e extensão que contribuam para a ampliação do uso interdisciplinar da Antropologia Visual, envolvendo estudantes e docentes da graduação e da pós-graduação. Precisamente, o grupo objetiva a realização de pesquisas e produções em Antropologia Visual, reflexões sobre as experiências de pesquisadores

e pesquisadoras que se utilizam de imagens em suas investigações, sistematização de relatos de práticas extensionistas e de ensino por docentes de Instituições de Ensino Superior (IES) do estado do Pará, e de demais regiões e países que integram as redes de colaboração, entre outras metas.

Ao propor projetos no Marajó, a equipe do Visagem se inspirou em pesquisas desenvolvidas no âmbito da Antropologia e que têm como principal ponto de convergência os aspectos inerentes ao ambiente insular como, por exemplo as obras "Ilhas de História", de Marshall Sahlins (1990); "A Ilha Encantada", de Raymundo Heraldo Maués (1990); e o clássico livro de Bronislaw Malinowski ([1922]1984), intitulado "Argonautas do Pacífico Ocidental". A encantaria, a magia e os aspectos que não se limitam à cultura material evidenciam múltiplos elementos que compõem este lugar, conforme descrito por Zeneida Lima (2002).

O Visagem apresenta como tema gerador de seus projetos aquele indicado pelas próprias experiências das pessoas, extraídos da sua vida cotidiana, evitando-se uma transmissão de conteúdos específicos e pautados em uma educação elitista e excludente. A proposta pedagógica dos projetos foi inspirada, portanto, em uma Pedagogia Libertadora tal como proposta por Paulo Freire. Nesse sentido, a leitura da obra deste pensador feita por Tozoni-Reis (2006) também é uma de nossas referências, da qual destacamos o seguinte:

> [...] a forma de trabalho educativo é o grupo de discussão, que conduz o processo educativo buscando os conteúdos problematizadores, realizando as discussões, compartilhando as descobertas, definindo as atividades e os temas geradores como ponto de partida para a decodificação das sílabas e, principalmente, a decodificação do mundo social, histórico, político e cultural onde vivem os oprimidos nas sociedades desiguais (Tozoni-Reis, 2006, p. 104).

É perceptível a influência da pedagogia libertária nos projetos do Visagem, pois eles visam às discussões acerca dos conteúdos, das histórias, das vivências dos próprios indivíduos. Partindo desse princípio, as atividades previstas pelo grupo incluíram em seus procedimentos: os encontros para as oficinas, as rodas de conversas, as filmagens e as incursões etnográficas nos municípios do Marajó, conforme os temas geradores. Além disso, havia o incentivo para que as pessoas desenvolvessem as atividades em todas as etapas de realização, seja por meio da fotografia ou por vídeo.

A relação entre ciência e as artes na perspectiva de Gaston Bachelard (1972) também foi outra inspiração acerca das possibilidades que a interdisciplinaridade permite realizar em projetos de extensão nestes moldes, com ênfase na abordagem antropológica. Por certo, a equipe interdisciplinar, com vasta experiência em pesquisa de campo com jovens, práticas colaborativas, exercícios etnográficos com imagens, participação em projetos de ensino e extensão voltados para estudantes de ensino

médio e superior, além das produções voltadas para a incorporação e a valorização de diferentes epistemologias, contribuíram para o alcance de objetivos e metas propostos nos projetos de extensão. Tem-se uma importante ação pública (Teisserenc; Teisserenc, 2016) que une pesquisa, ensino e extensão voltada para atender exigências acadêmicas e oportunizar experiências de colaboração e participação em projetos voltados para as realidades locais.

As práticas etnográficas em Jean Rouch baseiam-se na Antropologia Compartilhada (Ribeiro, 2007) e se apresentam em todos os projetos e eventos promovidos pelo Visagem, tornando-se uma das principais inspirações em termos da inserção em campo e produção fílmica e fotográfica com a participação das pessoas envolvidas no planejamento e nas orientações técnicas. O modelo de pesquisa lançado por este cineasta e antropólogo se sustenta no incentivo ao protagonismo da população local, com sua efetiva participação na produção, a partir do compartilhamento de conhecimentos sobre audiovisual.

É sabido que o modelo vigente na academia é aquele que se reproduz com o uso da linguagem escrita e com rigor da língua culta, formatado segundo padrões e normas técnicas específicas para esse fim. Quando outras formas de apresentação de debate e resultados de investigações são incluídas no rol de modelos de produção científica, de ações de extensão e de ensino, torna-se possível ampliar, também, a participação de outros olhares. Nesse aspecto, destaca-se a obra do escritor paraense Vicente Cecim (1946-2021) que buscava atender às suas demandas por uma nova escritura, na qual se mescle a palavra, o silêncio da página em branco e a imagem. Por certo, essa perspectiva menos elitista se faz notar nas atividades do Visagem que visam à democracia cultural.

Isso nos remete ao que foi apontado por Luciana Lima, Pablo Ortellado e Valmir Souza (2013) acerca das políticas culturais, pois, segundo esses autores, há distinções entre este tipo de política, na medida em que elas preveem maior ou menor grau de participação democrática. Desse modo, cabe mencionar que existem:

> As políticas de democratização da cultura e as políticas de democracia cultural. As primeiras buscavam ampliar o acesso às atividades e aos produtos da cultura da elite, com o objetivo de democratizá-lo. O segundo tipo, então predominantemente "teórico", buscava, a partir de uma concepção "socioantropológica" de cultura, valorizar e apoiar também as práticas culturais populares (Lima; Ortellado; Souza, 2013, p.2)

Em resumo, pode-se dizer, então, que destas duas modalidades de políticas culturais a que mais se aproxima daquelas relacionadas ao tema deste estudo, refere-se às políticas de democracia cultural, na medida em que o Visagem aciona recursos públicos de instituições que incentivam o acesso aos bens culturais para viabilizar, proporcionar o desenvolvimento cultural autônomo.

Além do financiamento advindo com a Lei Aldir Blanc[4] e do Prêmio Proex de Arte e Cultura[5], as atividades contaram com o apoio da Prefeitura Municipal de Melgaço, escolas públicas municipais e das parcerias com os *campi* de Breves e de Soure (Ufpa) para a realização das oficinas de fotografia e de audiovisual.

O apoio institucional da prefeitura de Melgaço e da coordenação do *campus* Breves foi importante tanto na divulgação das oficinas quanto na mobilização de moradores destas cidades e estudantes universitários que vivem na região para participarem de modo colaborativo nas atividades propostas.

Políticas públicas como a Lei Aldir Blanc, os editais da Secretaria Estadual de Cultura e o suporte das prefeituras, atuam em diferentes níveis. Em âmbito nacional, a Lei Aldir Blanc viabiliza recursos para fomentar a produção cultural, enquanto os editais e os apoios municipais exercem um papel fundamental no incentivo regional e local. Tais mecanismos não só garantem o financiamento e a sustentabilidade dos projetos do grupo, como também promovem a inclusão e o fortalecimento das comunidades, ampliando o acesso a manifestações culturais e valorizando saberes locais.

Para as comunidades, o impacto se dá, em nossa percepção, na maior visibilidade de suas histórias, no fortalecimento da identidade sociocultural e na dinamização do protagonismo em várias frentes de atuação. Por sua vez, a universidade e o grupo Visagem demonstram como a convergência entre políticas públicas e pesquisa acadêmica pode resultar em ações transformadoras, ampliando a relevância social e o alcance do conhecimento produzido.

---

4 Lei nº 14.017 de 29 de junho de 2020 – Lei Aldir Blanc de apoio à cultura. Inicialmente foi chamada de Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural, porque foi aprovada em caráter emergencial para dirimir os impactos da pandemia no meio artístico e cultural.

5 Por meio da Pró-Reitoria de Extensão, a Universidade Federal do Pará lançou, em 2019, edital específico com a finalidade de selecionar e financiar Programas de Extensão a fim de atender demandas socioeconômicas no Arquipélago do Marajó. Neste edital, o Grupo Visagem foi contemplado para o desenvolvimento de ações extensionistas em Soure e Salvaterra.

MARAJÓ E AS AÇÕES DO VISAGEM NESTE ARQUIPÉLAGO

O Marajó é um arquipélago formado por duas microrregiões: a região do Arari, que comporta os municípios de Cachoeira do Arari, Chaves, Muaná, Ponta de Pedras, Salvaterra, Santa Cruz do Arari e Soure; e a região do Furo de Breves que compreende os municípios de Afuá, Anajás, Breves, Curralinho, São Sebastião da Boa Vista e Gurupá. É interessante salientar que a paisagem natural do Marajó pode ser caracterizada em dois aspectos, sendo eles a área dos campos e a área das florestas (Schaan; Martins, 2010; Lisboa, 2012). Segundo as características apontadas por estas autoras, a microrregião do Furos de Breves se diferencia da microrregião do Arari porque aquela é marcada por densa cobertura florestal enquanto que nesta predominam os campos e uma extensa faixa litorânea.

Ressalta-se que as diversas ilhas que compõem o arquipélago do Marajó são caracterizadas por aspectos que vão para além do seu ambiente geográfico, das suas territorialidades construídas e reconstruídas em processos históricos milenares, da sua biodiversidade e da potencialidade econômica. Conhecer os lugares do Marajó permite perceber que a diversidade socioambiental é inegável, pois os seus quatorze municípios se caracterizam por apresentar diferentes paisagens, com grupos sociais que têm diversidade cultural expressa, por exemplo, nos costumes alimentares, nas cosmologias de povos originários e de populações quilombolas, na religiosidade marcada pelo sincretismo.

A sonoridade e ritmo das músicas e das danças, como o Carimbó e o Lundu, têm elementos de heranças ancestrais dos povos indígenas e das populações remanescentes de quilombos. Nesse aspecto em particular, há estudos que indicam que a maior proximidade com o Caribe influenciou sobremaneira no estilo musical e nas danças como a lambada e a kúmbia (Costa, 2015; 2012).

Na região costeira, também conhecida como Marajó dos campos, há, no município de Soure, a Reserva Extrativista Marinha (Resex-Soure). Nesta mesma região, no município de Salvaterra, o aumento da produção de arroz em larga escala tem ameaçado ecossistemas. Além disso, os impactos advindos com a monocultura geram tensões e conflitos com as comunidades locais remanescentes de quilombos, devido aos avanços da rizicultura sobre seus territórios.

Na região conhecida como Marajó das florestas, há a Floresta Nacional Caxiuanã (Flona), onde se encontra a Estação Científica Ferreira Pena, do Museu Paraense Emilio Goeldi. Esta Floresta Nacional se localiza nos limites dos municípios de Melgaço e Portel e contribui nos estudos sobre clima, vegetação, populações humanas e de outras espécies animais. Breves é um importante município porque é a partir dele que se tem o acesso fluvial à vasta região do Baixo Amazonas e ao Amapá, estado fronteiriço do Brasil.

O Grupo Visagem realiza, de modo interdisciplinar, ações que envolvem os usos, práticas e saberes da Antropologia Visual no arquipélago do Marajó, buscando interlocução com povos e populações do Estado do Pará, de outras regiões do Brasil, de países da região amazônica (Pan-Amazônia) e de países de outros continentes. Como se trata de uma região fronteiriça, é comum o processo de migração e contato com pessoas de diferentes lugares e países, tornando a experiência de nossas oficinas de audiovisual uma oportunidade de diálogo intercultural no norte do Brasil.

A partir de diferentes linguagens, em especial com a fotografia e cinema, além de diversos suportes imagéticos, que as atividades apresentadas neste artigo contribuem, em certa medida, com a elaboração de novas narrativas trazidas por olhares, vozes, afetos e conhecimentos das pessoas que vivenciam os "Marajós", pois são inúmeras as dificuldades e os desafios enfrentados pelas pessoas que vivem nos municípios marajoaras. Por certo, estas realidades, quando apresentadas em formatos audiovisuais, reforçam suas demandas por várias políticas públicas.

Com base nos elementos presentes no artigo, foi elaborada a seguinte síntese com o objetivo de facilitar a compreensão da diversidade de iniciativas e de como elas se articulam.

Quadro 1 - Síntese demonstrativa dos projetos

Título/ Período	Política de Apoio	Local	Parceria
Incursões Etnográficas em Melgaço do Marajó 2019-2021	Prefeitura de Melgaço	Melgaço	Universidade Federal de Goiás e Associação AO NORTE (Portugal)
Etnografias Audiovisuais em Soure-Marajó-Amazônia Brasileira 2019-2020	Edital Proexia Marajó Proex-Ufpa	Soure Salvaterra	Campus de Soure (Ufpa) Secretaria Municipal de Educação de Salvaterra Associação Tambores do Pacoval
Cinema no Marajó 2020-2021	Secult/PA Lei Aldir Blanc	Breves Melgaço Salvaterra Soure	Campus de Breves (Ufpa) Prefeitura de Melgaço
Encanta Marajó 2020	Prêmio Proex Arte e Cultura 2019	Soure Salvaterra	Prefeitura de Soure e Salvaterra

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos relatórios do Grupo Visagem.

Conforme pode ser observado neste quadro sinóptico, no contexto do projeto "Incursões Etnográficas em Melgaço do Marajó-Amazônia Brasileira" (realizado em Melgaço), as ações incluem oficinas de fotografia, audiovisual e incursões etnográficas, além da produção de biografias visuais, contando com o apoio da Prefeitura.

Já o projeto "Cinema no Marajó", desenvolvido nos municípios de Melgaço e Breves, reúne oficinas de audiovisual, mostras de documentários e iniciativas de formação, respaldado por editais da Secretaria Estadual de Cultura do Pará (Secult/PA) e recursos oriundos de políticas culturais com abrangência estadual e nacional.

O projeto "Etnografias Audiovisuais em Soure-Marajó-Amazônia Brasileira", realizado em Soure – com a participação de jovens de áreas urbanas e rurais, inclusive de Salvaterra –, foca em oficinas de audiovisual e incursões etnográficas, apoiado por políticas públicas locais e regionais que promovem a inclusão social e a difusão da cultura, em articulação entre as diferentes iniciativas e os níveis de apoio, o que insere o Grupo de forma abrangente na promoção e na transformação das realidades locais.

Com vistas à descrição das atividades realizadas nestes projetos, o que se segue é o detalhamento conforme o local e as dinâmicas que as envolveram. Destes projetos, o Encanta Marajó teve suas atividades suspensas no ano de 2020 devido aos impedimentos advindos com a pandemia. As demais propostas, já iniciadas em 2019, tiveram suas ações realizadas neste ano. Em alguns casos elas foram feitas de maneira virtual ou concluída presencialmente em 2021.

PROJETO "INCURSÕES ETNOGRÁFICAS EM MELGAÇO DO MARAJÓ-AMAZÔNIA BRASILEIRA"

O projeto Incursões Etnográficas em Melgaço do Amazonas teve como objetivo a realização de etnografias coletivas de eventos e cenários do município de Melgaço, no Estado do Pará, utilizando diversos suportes: fotografia, audiovisual, escrita, cartografias, ilustração etc. A proposta inicial previa a realização de incursões etnográficas coletivas em espaços públicos da sede do município de Melgaço, em suas várias dimensões.

A proposta desse projeto foi lançada em 2017, com o intuito de estabelecer conexões e parcerias entre diferentes Instituições de Ensino Superior a partir do campo da Antropologia Visual. Além disso, buscou-se aproximações entre Melgaço do Marajó, no Brasil, e Melgaço da região do rio Minho, em Portugal. Entre os objetivos do projeto havia a intenção de ações direcionadas ao fomento, à ampliação e à divulgação do acervo imagético, audiovisual e iconográfico, ainda em construção, dos municípios homônimos. O projeto previa como culminância a construção colaborativa de uma exposição multimídia aberta ao público, a partir dos materiais produzidos nas incursões no Marajó. Além disso, previa-se a participação em evento científico-artístico-cultural em Melgaço (Portugal), como o Festival MDOC, fato ocorrido em 2018.

O projeto contou com a participação de membros da Universidade Federal do Pará, Universidade Federal de Goiás e da Associação AO NORTE, além da Fundação Cultural do Pará, totalizando cerca de 11 pessoas na Expedição de 2019. Também houve parceria com a Prefeitura de Melgaço. Neste ano, foram realizadas as oficinas de fotografia e cinema infantil e juvenil, juntamente com a Mostra de Cinema Juvenil de Melgaço, quando foram produzidos curtas dirigidos, filmados e roteirizados pelas próprias crianças e jovens participantes das oficinas.

Como desdobramento da proposta, foram realizadas pesquisas sobre os modos de vida de habitantes deste município, pelas pessoas do Grupo Visagem e com aquelas das instituições parceiras deste projeto. Desse modo, também foram produzidas duas biografias visuais: a de Dona Maria, parteira de Melgaço, e de Miguel Cassiano, professor de matemática na cidade e nas regiões ribeirinhas do entorno. Além disso, ocorreram filmagens a fins de produção documental com jovens mulheres de Melgaço participantes de um time de futsal e uma jovem estudante ribeirinha.

Figura 1 - Atividade da equipe do projeto, em 2018

Fonte: Acervo do Visagem.

A pesquisa sobre a trajetória de Dona Maria da Silva foi baseada em narrativa desenvolvida a partir da utilização de recurso audiovisual. Estimulada pela ideia de realização de produção de um vídeo sobre sua biografia e suas atividades como parteira em município do arquipélago do Marajó, Dona Maria apresentou a si mesma em narrativa que envolve a oralidade, lembranças de diferentes momentos de sua vida

e descrição de saberes sobre o partejar. O objetivo deste trabalho foi debater sobre a utilização de narrativa autobiográfica, também denominada como narrativa na primeira pessoa, em contexto de pesquisa antropológica. Precisamente, propusemos uma reflexão sobre os usos da Antropologia Visual a partir da experiência etnográfica sobre práticas de uma parteira no município de Melgaço.

Os dispositivos audiovisuais trazidos como instrumentos de investigação facilitam ou dificultam a pesquisa de campo? As possíveis limitações, dificuldades e facilidades que se apresentam com os usos destes dispositivos interferem de que modo no decorrer da inserção em campo? Estas e outras inquietações levaram a equipe a refletir sobre os usos deste referencial metodológico. Sobre as narrativas na primeira pessoa, evidenciou-se que ela tem sido realizada de maneira bastante profícua, pois Dona Maria da Silva apresentou a contento o seu trabalho como parteira. Ela relata que começou aos vinte e cinco anos quando uma tia precisou de sua ajuda na hora do parto. Sozinhas tiveram que ajudar uma à outra nesse momento de trazer uma criança ao mundo. A partir de então, foi paulatinamente sendo acionada por outras mulheres quando ainda morava no município de Breves. Desde então, ela passou a desenvolver o que atualmente considera como "um dom, um dom de Deus".

O que resulta deste estudo com Dona Maria da Silva é um processo de montagem de um documentário a partir dos fragmentos de memórias com lembranças e esquecimentos e um artigo publicado em periódico científico.

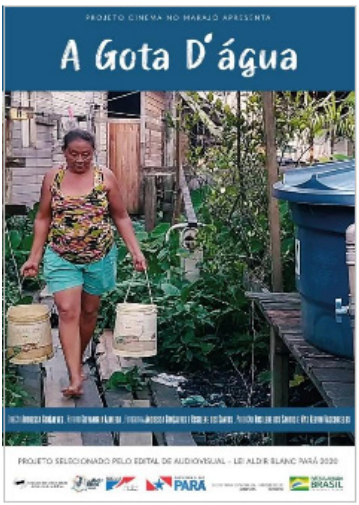
PROJETO CINEMA NO MARAJÓ

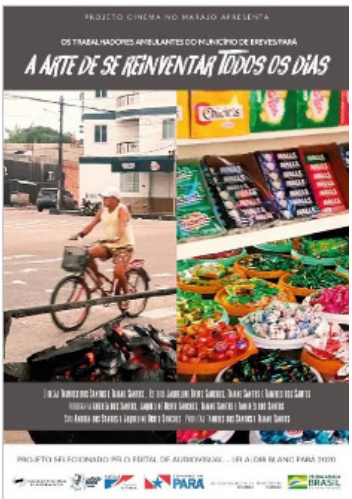
O Projeto Cinema no Marajó intensificou as ações já iniciadas em Melgaço, em 2018, e, em 2021, se ampliaram para o município de Breves. Tal como ocorrera em projetos anteriores, as atividades foram realizadas a partir de oficinas de audiovisual com o uso de *smartphones*, incluindo-se o ciberespaço como o *lócus* das mesmas, devido às realidades impostas pela pandemia.

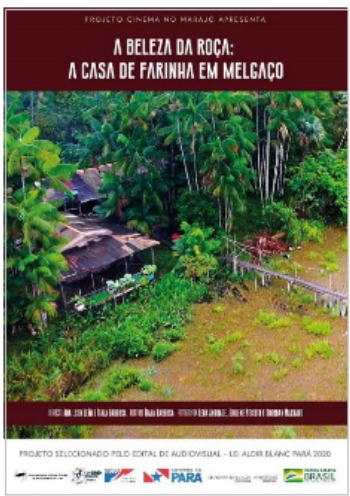
O "Cinema no Marajó" foi aprovado no Edital da Secretaria Estadual de Cultura do Pará (Secult/PA) da Lei Aldir Blanc como um projeto de audiovisual a ser desenvolvido nos municípios marajoaras de Melgaço e Breves. Com o intuito de aproximar a população ribeirinha destas duas cidades às produções fílmicas e da fotografia, organizamos uma Mostra de Documentários e duas Oficinas (Fotografia e Introdução ao Audiovisual), fomentando esta produção principalmente entre os jovens, de modo que possam descobrir novas oportunidades e entender outros contextos da realidade que os circunda através do audiovisual.

Os resultados deste projeto foram divulgados em evento acadêmico e como produção de um capítulo de livro científico. Em relação às vivências das atividades, toda a programação (Rodas de Conversa, Oficinas e a Mostra de Cinema Documentário) aconteceu utilizando as plataformas online: Zoom (para os encontros e oficinas) e a Amazônia Flix - plataforma de *Streaming* voltada para a divulgação de produções audiovisuais dos países amazônicos (para as exibições dos filmes). Nas imagens a seguir, constam os cartazes de divulgação dos filmes produzidos nas oficinas do projeto.

Figuras 2 a 5 - Cartazes dos filmes







Fonte: Acervo do Visagem.

Os desafios advindos com a pandemia foram impactantes em vários sentidos, mas não inviabilizou que as propostas apresentadas pelo Visagem cessassem totalmente. Com o suporte vindo com o financiamento do que hoje se tornou uma política pública para o setor de produção cultural, tem-se o envolvimento de fazedores de cultura participando de projetos financiados pelo contexto que institui a Lei Aldir Blanc, entre outras.

PROJETO ETNOGRAFIAS AUDIOVISUAIS EM SOURE-MARAJÓ-AMAZÔNIA BRASILEIRA

O projeto realizado em Soure somou-se a outras iniciativas em municípios do arquipélago do Marajó, que visaram à realização de oficinas de audiovisual, notadamente a produção de filmes com a utilização de câmeras fotográficas e telefones celulares. O público envolvido neste projeto também incluiu, principalmente, jovens moradores da zona urbana e da zona rural deste município, bem como jovens de Salvaterra, município vizinho. Assim, ocorreu a inclusão de pessoas que vivem em localidade de campos, fazendas, praianas, vicinais e quilombolas.

As atividades em Soure foram realizadas como incursões etnográficas. As incursões com moldes etnográficos são aquelas que se baseiam nos pressupostos da prática de campo consolidadas no âmbito da Antropologia, desde as primeiras experiências de pesquisa de campo desta ciência. Ressalta-se, contudo, que a proposta de "invadir" espaços tem como objetivo conhecer realidades outras e oferecer diferentes olhares sobre estas mesmas realidades. Precisamente, foram incluídas as linguagens audiovisuais que permitem elaborações de narrativas que emergem dos saberes e vivências locais, conhecimentos enriquecidos pela memória coletiva, olhares e dizeres compartilhados, ações que trazem a diversidade de interpretações sobre as coisas e pessoas do lugar.

A exemplo do que já ocorrera em outros projetos assim denominados, a proposta de realização e incursões etnográficas audiovisuais em Soure foi pautada em outras experiências anteriormente vivenciadas em Belém do Pará, durante o período do Círio de Nazaré[6], de 2016[7]. Além desta, o Grupo Visagem teve a experiência com

6 Segundo Vanda Pantoja e Heraldo Maués (2008), a expressão Círio de Nazaré pode ser tomada, em sentido amplo, como um conjunto de eventos e celebrações que ocorrem em Belém do Pará, durante o mês de outubro. A Festividade de Nossa Senhora de Nazaré começa antes do cortejo principal, no segundo domingo de outubro, e se prolonga por vários dias após essa celebração. Nesta festividade, estão presentes todos os elementos fundamentais de uma identidade regional amazônica.

7 Esta primeira incursão etnográfica audiovisual organizada pelo Grupo Visagem revelou-se bem proveitosa, recebendo, inclusive, o VI Prêmio Proex de Arte e Cultura (Proex/Ufpa-2017).

o projeto de extensão em Melgaço (Marajó), na qual as incursões resultaram em oficinas de audiovisual, em 2018 e 2019, para crianças e jovens que moram na sede deste município.

Desse modo, e conforme o dizer de um dos integrantes do Visagem, o grupo intencionou contribuir com o reconhecimento dos saberes locais na academia; diálogo entre os saberes locais e os saberes da academia; envolvimento da sociedade (indivíduos, grupos comunidades) na resolução de seus problemas e nos processos de mudança; na formação de antropólogos e antropólogas, cientistas sociais, cineastas e artistas; a produção científica, artística e cultural; a fundamentação epistemológica, ética e estética destas práticas; a passagem de Racionalidade Instrumental à Racionalidade dos Valores.

Destaca-se, conforme anteriormente mencionado, a colaboração entre diferentes subunidades da UFPA, tal como ocorre em outros projetos, em especial a parceria entre a Faculdade de Ciências Sociais da UFPA e a Coordenação Acadêmica do *Campus* de Soure, notadamente na figura do então coordenador, professor Luiz Marcelo de Lima Pinheiro, para realizar de modo interdisciplinar as experiências com audiovisual e outras linguagens.

NOTAS CONCLUSIVAS

O arquipélago do Marajó tem sido, predominantemente, o local das propostas de inserção social apresentadas pelo Grupo Visagem. Os usos do audiovisual (fotografia e filmes documentários) com a utilização de aparelhos de telefonia móvel (celulares - mobile) tem se revelado importante instrumento de formação profissional de artistas e de inclusão social. A fotografia vinculada à criação cinematográfica é incorporada por cineastas, fotógrafos/as amadores e profissionais, a partir da ampliação dos usos de ferramentas comunicacionais conectadas à Internet.

A Antropologia Visual, ou das imagens, ou do audiovisual, realiza-se como algo que demanda trabalho coletivo e sustenta-se atualmente neste projeto com a colaboração e a participação de pessoas de diferentes grupos sociais. Foram enfatizadas as narrativas que emergem das histórias locais, das experiências cotidianas, dos desafios impostos pelas questões socioambientais, das poéticas trazidas no contexto do chamado mundo do trabalho, dos aspectos imperceptíveis do microcosmo da região Amazônica. Enfim, os temas dos filmes e das fotografias revelam os anseios de narrar coisas que, para muitos, pode parecer algo sem relevância.

A escolha de temas, a elaboração de roteiros, as filmagens entre outros aspectos, foram feitas a partir do ponto de vista de quem vive no lugar, de quem vive no Marajó. Desse modo, realizar as oficinas de audiovisual, proporcionar o aperfeiçoamento técnico aliado às questões estéticas e às discussões éticas, teve como elemento principal

a pedagogia que proporciona a autonomia, a liberdade e o protagonismo, tal como indicado por Paulo Freire. Por certo, esta experiência trouxe aprendizado mútuo no fazer audiovisual. Os olhares, as escutas e a sensibilização às paisagens sonoras e visuais estão impregnados com as percepções e as vivências daquelas pessoas marajoaras envolvidas neste projeto.

Percebe-se que os temas dizem respeito às questões cotidianas que demandam políticas públicas voltadas para a infraestrutura local. É exemplar quando em Breves houve o interesse em produzir um filme sobre a questão do serviço precário de fornecimento de água potável. Um bem público que envolve o que está atrelado à saúde básica, ao saneamento e à segurança alimentar. Nesses tempos em que as questões climáticas indicam a relevância nos debates sobre os usos e a conservação das águas, as populações que vivem no Marajó têm muito a problematizar. As contradições são perceptíveis quando pessoas demandam ações públicas específicas sobre acesso à água de qualidade, quando vivem em localidades ribeirinhas em meio às ilhas deste arquipélago.

A título de ilustração, os filmes produzidos pelas crianças e jovens trazem temas relativos ao transporte escolar e aos desafios de estudar em escolas ribeirinhas. Trata-se de algo vivenciado principalmente por pessoas que vivem nesta e em outras comunidades amazônicas, mas que é pouco conhecido em outras regiões do Brasil. Também vivenciaram a produção fílmica sobre as realidades do chamado mundo do trabalho, com destaque para o trabalho informal. Tema tão relevante que está na pauta de pessoas jovens e adultas destes "Marajós".

Ao longo destes anos e projetos, o Marajó se tornou, para o Visagem, mais do que um lugar de vivências para experiências etnográficas com o audiovisual porque as redes, os laços e os aprendizados foram sendo ampliados e fortalecidos com a reciprocidade que as trocas afetuosas nos possibilitam. A amorosidade das ações educativas nas oficinas e em outras oportunidades que o campo nos proporcionou, permeou o fazer antropológico, cujas inspirações de Paulo Freire (1983, 1998) são inegáveis.

O apoio para a realização dos projetos emergiu de políticas institucionais voltadas para o incentivo à extensão universitária, quando estes foram agraciados com subsídios advindos de editais da Ufpa. No que concerne ao apoio proveniente de recursos oriundos de políticas culturais, como é o caso da Lei Aldir Blanc, os editais estaduais possibilitaram que as atividades envolvessem grupos sociais específicos e que se ampliasse o acesso aos conhecimentos técnicos para a elaboração de narrativas visuais relacionadas às realidades locais.

Este suporte técnico para as oficinas ocorreu como um desdobramento de pesquisas e atividades realizadas no âmbito acadêmico do Visagem, que foram levadas a campo com o intuito de promover ações com base no diálogo, atividades participativas e colaborativas com as pessoas do Marajó.

A realização de ações amplas e a aproximação entre a universidade e as comunidades, a articulação entre interesses públicos e acadêmicos nem sempre se alinha de forma harmoniosa. Contudo, nos projetos analisados, verificou-se que o fomento via editais visava à democratização da cultura e os resultados das oficinas e atividades correlatas promovidos pelo Visagem atenderam a tais objetivos

Entre os pontos positivos destes projetos se destacam: a ampliação do acesso, mesmo que limitado, às tecnologias audiovisuais; a valorização, cada vez maior, dos saberes locais; o fortalecimento da identidade cultural e a promoção da participação cidadã. Por outro lado, desafios como entraves burocráticos, divergências de expectativas e a dificuldade em articular práticas colaborativas em contextos tão diversos podem gerar desencontros, limitando, assim, os impactos dos projetos.

Nestes tempos em que se discutem temas como emergência climática, justiça climática, racismo ambiental e outros correlatos, é relevante envolver as populações amazônicas nos projetos que proporcionem o protagonismo de grupos sociais com suas narrativas. E isso, certamente, foi alcançado nas iniciativas do Visagem no Marajó.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. Conhecimento comum e conhecimento científico. **Tempo Brasileiro**. São Paulo, n. 28, p. 47-56, jan-mar 1972. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/119328546/Conhecimentocomumeconhecimentocientifico1. Acesso em: 30 ago. 2024.

CARDOSO, Denise RIBEIRO, José da Silva. A trajetória de uma parteira do arquipélago do Marajó. **Revista Margens Interdisciplinar**, v. 14, p. 10-24, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/9759/6806. Acesso em: 08 de setembro de 2024.

COSTA, Antonio Maurício Dias da; GARCIA, Sônia Maria Chada. Tecnobrega: uma prática musical paraense. **Revista Tucunduba**, v. 4, p. 50-67, 2015. Revista impressa, não está disponível em site ou formato online.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. Festa e espaço urbano: meios de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos 1950. **Revista Brasileira de História** (Online), v. 32, p. 381-402, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbh/a/7QNLRdTvkKMprKThmBqN6fn/?lang=pt. Acesso em: 20 ago. 2024.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. 8ª Edição, Editora Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998. 165 p.

LIMA, Luciana Piazzon Barbosa; Ortellado, Pablo; OUZA, Valmir. **O que são as políticas culturais? Uma revisão crítica das modalidades de atuação do Estado no campo da cultura.** IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL – POLÍTICAS CULTURAIS – 16 a 18 de outubro/2013 Setor de Políticas Culturais – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil 1-17. Disponível em: https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/18631. Acesso em: 3 set. 2025.

LIMA, Zeneida. **O Mundo místico dos caruanas da ilha do Marajó.** Belém: CEJUP, 2002.

LISBOA, Pedro Luiz Braga. **A Terra Dos Aruã:** Uma História Ecológica Do Arquipélago Do Marajó. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2012. 482 P.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Editora Abril, [1922]1984.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **A Ilha Encantada:** medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores. Belém: Gráfica e Editora Universitária-UFPA, Coleção Igarapé, 1990.

PANTOJA, Vanda; MAUÉS, Raymundo Heraldo. O Círio de Nazaré na constituição e expressão de uma identidade regional amazônica. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 24, p. 57-68, jul./dez. 2008. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/3574. Acesso em: 27 jul. 2024.

RIBEIRO, José da Silva. Jean Rouch - Filme etnográfico e Antropologia Visual. **Doc Online**, n.03, dezembro 2007, p. 6-54. Disponível em: https://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/doc/issue/archive. Acesso em: 17 dez. 2023.

SCHAAN, Denise. Paal., MARTINS, Cristiane Pires. (Org.) **Muito além dos campos:** Arqueologia e História na Amazônia Marajoara 1. Ed. – Belém: Gknoronha, 2010.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

TEISSERENC, Pierre; TEISSERENC, Maria José da Silva Aquino. O território em recomposição da ação pública local: uma abordagem franco-brasileira. **Universidade e Meio Ambiente – Revista do Núcleo de Meio Ambiente**. n.1, v.1, p.1-17, 2016. Disponível em: https://periodicos.ufpa.br/index.php/reumam/article/view/12334. Acesso em: 4 jul. 2024.

TOZONI-REIS, Marilia Freitas de Campos. Temas ambientais como "temas geradores": contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória. **Educar em Revista**, n. 27, p. 93-110, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/er/a/NF53QF3xZhTHWjVVznd57zG/abstract/?lang=pt. Acesso em: 30 nov. 2023.

SOBRE OS AUTORES

Denise Machado Cardoso
Antropóloga, Doutora em Desenvolvimento Socioambiental (Pós-Graduação do Trópico Úmido PDTU/ NAEA) pela Universidade Federal do Pará (2006). Graduada em História também nesta universidade (1987). Atualmente é professora Titular do Laboratório de Antropologia da Universidade Federal do Pará. Coordena o Grupo de Pesquisa em Antropologia e Imagem Visual (VISAGEM) e o Grupo de Estudos sobre Populações Indígenas (GEPI). É membro do Comitê de Antropologia Visual da Associação Brasileira de Antropologia (CAV-ABA). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Rural, atuando principalmente nos seguintes temas: gênero, educação, antropologia audiovisual, antropologia política, ciências sociais e ambientais.
E-mail: denisecardosoufpa@gmail.com

Felipe Bandeira Netto
Mestre em Educação e Ciências Matemáticas. Doutorando em Antropologia (Pós-Graduação de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFPA). Fotógrafo, quilombola, antropólogo, diretor de cinema documentarista (trabalhando com filmes etnográficos) poeta, escritor e cientista político. Cientista Social graduado em Ciências Sociais Licenciatura e Bacharelado nas áreas de Ciência Política e Antropologia. Atuou como professor pesquisador e colaborador do Clube de Ciências da Universidade Federal do Pará - CCIUFPA - desde o ano de 2014 até o ano e 2021. Atuou como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID - de 2015 a 2017 e Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Extensão - PIBEX - de 2017 a 2018 e bolsista produção CNPQ de 2019 a 2021, ano da conclusão do mestrado. Participa como pesquisador no Grupo de Pesquisa em Antropologia Visual e da Imagem (VISAGEM).
E-mail: felipe.bandeira.netto@gmail.com

Alessandro Ricardo Campos
Sociólogo, antropólogo e diretor audiovisual. Mestrado e Doutorado realizado no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA-UFPA). Atua como Coordenador Adjunto do Grupo de Pesquisa em Antropologia e Imagem Visual (VISAGEM), Coordenador do Festival Internacional do Filme Etnográfico do Pará, do Colóquio de Cinema e Antropologia da Amazônia e do Encontro de Antropologia Visual da América Amazônica Atuou como orientador do Curso de Verão 2018/2019 do MDOC - Festival Internacional de Documentários de Melgaço–Portugal. É membro do Comitê de Antropologia Visual da Associação Brasileira de Antropologia (CAV-ABA). Venceu o Prêmio PROEX/UFPA 2018 Arte e Cultura e foi premiado com o filme no X Festival Internacional do Filme Etnográfico do Recife.
E-mail: ricardocamps52@gmail.com

Recebido em: 24/11/2024
Aprovado em: 22/03/2025